5.º ANO — LISBOA—TERÇA-FEIRA, 26 DE JANEIRO DE 1926 — N.º 1473

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 30 CENTAVOS
Administrador e editor
MANZONI DE SEQUEIRA
ADMINISTRAÇÃO { Rua da Rosa, 57, 2.
Telefone: 1:470 C.
Endereço Telegrafico: DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, composição e impressão
RUA LUZ SORIANO, 48
TELEFONES { Direcção: T. 196
Redacção: T. 319
Endereço telegrafico: DIBOA

A «WESTMINSTER GAZETTE» discute a hipotese de reclamações alemãs de mandatos coloniais, e diz que os alemães—quem lho impede?—podem livremente emigrar para os seus antigos territorios da Africa Oriental e da Africa Ocidental Alemã, hoje ingleses ou da Africa do Sul. Mas—acrescenta o orgão liberal—se os alemães, por prestigio, querem territorios colocados sob a sua bandeira, podem instalar-se assim em territorios portugueses, se—este *se* é adoravel—«se Portugal o consentir.»

Não é em vão que se diz que os ingleses são o povo melhor humorado da terra. O que dizem de Portugal, repetem-no em relação á França. Claro que os jornais ingleses não se estão a divertir com a França nem com Portugal. Divertem-se com os alemães, o que, se tem espirito, não tem realmente graça nenhuma.

«Se Portugal consentisse...»

Os territorios em Africa não se consentem—conquistam-se. E Portugal conquistou os seus ainda a Inglaterra e a Alemanha ignoravam que do Cabo Bojador para baixo havia mar—e navegavel.

* * *

A' HORA do nosso jornal entrar na maquina, devem ter amarado em aguas portuguesas os aviadores espanhois que tão brilhantemente iniciaram a sua viagem transatlantica.

O «Plus-Ultra», todo de aluminio e com dois poderosos motores Napier, segue a esta hora o mesmo caminho que ha quatro anos traçou sobre as ondas o fragil «Lusitania», que era de tela e tinha apenas um motor.

Portugueses e espanhois, que numa determinada epoca da Historia se encontraram no caminho das grandes descobertas maritimas, voltam hoje a encontrar-se, volvidos alguns seculos, no grande caminho do ceu, que a audacia de dois portugueses abriu á navegação dos poderosos motores aereos.

* * *

PROMOVIDO pela revista «De Teatro» e pelo semanario «Domingo Ilustrado», realizou-se ontem, no teatro S. Luis, com desusado luzimento, a recita de homenagem a Augusto Rosa. O programa, que foi cumprido á risca, constou de uma conferencia do nosso camarada Matos Sequeira, outra do poeta Lopes Vieira, da representação da peça «Punindo», interpretada por um notavel conjunto de artistas, do «Monologo do Vaqueiro» e de passagens do drama historico «Leonor Teles». O espectaculo, que atraiu muita gente, decorreu com brilho e harmonia. Amanhã, o nosso critico dramatico fará algumas considerações acerca da interessantissima figura de Augusto Rosa.

* * *

NÃO se realizou o conselho de ministros fixado para hoje, em consequencia do chefe do govêrno ter adoecido com um ataque de «gripe». Se o sr. Antonio Maria da Silva melhorar, o conselho deverá efectuar-se ámanhã, pelas 10 horas, no ministerio das Colonias.

* * *

DE Moçambique protestam contra a concessão de 4.500 hectares de terreno em Kionga, incluindo os magnificos palmares que pertenceram ao Estado alemão, visto os concessionarios até hoje não terem cumprido as clausulas do contracto.

PORTUGAL E A INGLATERRA

Ainda que seis dias tenham passado sobre o almoço oferecido pelo almirante Kalley ao governo português, a bordo do navio chefe de parte da esquadra britanica deslocada no Tejo, não deixa de ser oportuno salientar as palavras proferidas pelo representante da marinha de guerra inglesa, nesse almoço que, já agora, ficará historico, entre tantos acontecimentas historicos—triviais.

Já na vespera o almirante Edmond Kalley se referira á acção do Marquez de Naza, almirante português, junto da armada de Nelson, o que, sendo simplesmente gentil, já traduzia alguma coisa.

O discurso do almoço do chefe da esquadra inglesa no *Curaçoa*, foi todo ele interessante. O periodo a que nos queriamos referir é este:

«Assim, temos, mais uma vez, ocasião de manifestar a nossa amizade, que é tradicional e que tem sido e será mantida pela aliança mais antiga do mundo. Ninguem fez ideia do que em Inglaterra se sentiu e apreciou o esforço que Portugal fez e o auxilio que nos trouxe durante a Grande Guerra, e quando nós nos encontravamos na situação mais critica. Foi esse esforço que nos ajudou a alcançar a vitoria. Nunca o esqueceremos, e a nossa mutua amizade será sempre cada vez maior.»

Quando nós nos queixamos de que os nossos aliados não nos fazem justiça, enganamo-nos, pelo menos em relação á Inglaterra.

Não seja ninguem tão ingenuo que suponha que as palavras do almirante inglês são apenas mera cortezia. Os ingleses não costumam, por temperamento atavico e educação politica, ser tão largos em afirmações. A presença de Sir Lancelot Carnegie neste banquete de marinheiros e politicos abona a nossa suposição de que o embaixador inglês conhecia, se não inspirou, o texto do discurso do almirante.

Por informações que possuimos—e ás quais nos falta a confirmação do sr. dr. Vasco Borges, ministro dos Estrangeiros, tão pouco prodigo em noticias—julgamos saber que nestas ultimas semanas passou nas Necessidades um documento, honrosissimo para Portugal, e do qual podiam ser tomadas conclusões que só não lisongeariam o nosso amor proprio nacional, se nós, portugueses, tivessemos perdido o sentido dos nossos direitos e do nosso orgulho.

Porque não fala o sr. ministro dos Estrangeiros?

Esta pergunta é tanto menos impertinente, quanto é certo que nós, e todos os portugueses que querem ver estas coisas, não podemos deixar de confessar que no nosso ministerio dos Estrangeiros—o que nem sempre sucede, mercê da incontinuidade governativa—nos ultimos meses se tem agido com singular atenção, tacto e actividade, de maneira a prestigiar o país, e a colocá-lo no pé de igual para igual em relação a certos países, e a certos factos que a seu tempo serão conhecidos.

As palavras do almirante Kalley—julgamos sabê-lo—têm um alcance que, nem pela circunstancia de terem passado quasi despercebidas, deixa de ser notavelmente compensador da lealdade e da dignidade portuguesas.

Emendando a mão...

—Juro-lhe, minha senhora, que ha mais de trinta anos, a adoro apaixonadamente...
—Mas eu nem essa idade tenho...
—Perdôe, Vossa Excelencia. E' que cada dia que passo a amá-la sem resultado, me parece um mês...

O NOSSO querido camarada de redacção sr. dr. Alves Martins—que vai em lenta convalescença da grave doença que o tem afastado do nosso convivio—acaba de publicar o seu terceiro livro de verso, «Fogueira Eterna».

Alves Martins, poeta por temperamento e por revelação, deixa passar novos clarões do seu talento pelas paginas deste livro, de que Raul Brandão disse: «livro de dôr e de ansiedade—livro dum admiravel poeta, que arde em labareda para nos comunicar o seu mundo interior».

Não sabemos se este livro é melhor, mais definitivo que os dois anteriores—duas maravilhas de lirismo e contemplação. Nunca se sabe qual é «o livro melhor». Nem o autor.

Sabemos apenas que se trata de um volume de poesia portuguesa, forte e doce, inspirada, limpida, que ha de ficar na historia literaria contemporanea como o documento definitivo de uma alma e de um estro, alma que paira muito acima da trivialidade charra da existencia.

A edição é da Parceria Pereira, magnifica e cuidada.

* * *

PELA doação do benemerito Luis Fernandes, apaixonado cultor de arte, falecido ha tempo em Paris, a Escola Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro recebeu algumas valiosas obras de Arte, entre as quais alguns quadros de Silva Porto e Columbano, entre eles a famosa tela «A hora do chá». Os jornais brasileiros ligam grande importancia a estas doações.

* * *

SOB a direcção do dr. Martinho Nobre de Melo, apareceu o 1.º numero de «A Reconquista», que se propõe defender a causa nacional, sob a invocação das nossas grandes tradições. Publica o notavel «Manifesto ao País», da Cruzada Nacional Nun'Alvares.

Entre os seus colaboradores, contam se nomes distintos nas sciencias, letras e artes.

* * *

ESTÁ constituida a comissão organizadora do Gremio Regionalista da Madeira.

Desta Comissão e da sua sub-comissão de propaganda fazem parte pessoas ilustres, nascidas nessa encantadora ilha atlantica e de destaque no Exercito, na Marinha, no funcionalismo, nas letras.

* * *

NOS Passos Perdidos esteve hoje uma comissão delegada dos alunos que se encontram em greve e que ao sr. ministro do Comercio fizeram a leitura da representação que vão entregar ao Parlamento.

* * *

PUBLICAMOS hoje, na 3.ª pagina, o artigo a que ontem fizemos referencia previa do professor de Historia de Arte da Universidade de Coimbra, sr. dr. Vergilio Correia.

* * *

O COMANDANTE do «destroyer» inglês «Westminster» cumprimentou hoje as autoridades de marinha.

* * *

NÃO tem, segundo as nossas informações, qualquer fundamento a noticia de um duelo Cunha Leal-Raul Proença.

Tauromaquia

Manuel Casimiro de Almeida

Perante a existencia do ser humano, impéra a vontade suprema de Deus, por isso, quando a fatalidade nos bate á porta, dando-nos a fatal noticia da perda de um ente querido, sofremos com resignação o efeito produzido por tão doloroso golpe.

Decorrido um ano que na cidade de Vizeu, capital da Beira Alta, faleceu no Grande Hotel de Portugal, o seu proprietario, o distinto cavaleiro Manuel Casimiro de Almeida, a quem os seus amigos, e a população da referida cidade, e dos arredores, fizeram imponentissima manifestação de sentimento, não venho fazer a biografia do finado, porque essa está feita por penas de reconhecido valor; venho, como amigo que o acompanhou durante a sua longa e gloriosa carreira, prestar homenagem á sua memoria.

Manuel Casimiro, chefe exemplar de familia, artista notavel, caracter honesto, amigo sincero, reconhecido, sabia calçar luva e fazer uso da gravata, predicados, pelos quais conquistou, como homem e como artista, a maior popularidade que recordo ha cincoenta anos.

Para provar a minha afirmação, basta lembrar as suas festas, revestidas de extraordinario brilho, em que uma comissão de amigos luctava com dificuldade para satisfazer pedidos de bilhetes.

Tardes de gloria; tardes de sol ardente, iluminando as fardas dos lidadores, de ovações emocionantes, em que os espectadores, dominados por entusiasmo louco, se levantavam em peso aplaudindo o promotor da corrida.

A impressão produzida no seu espirito, nessas tardes, para ele de suprema gloria, guardava-a no coração, como diploma de honra, ganho nas lutas na arena, arriscando a vida, e, como manifestação de reconhecimento, recebia com gestos de fidalgo beirão os seus amigos, na sua casa em Palhavã, festa intima em que se ouvia a sua voz de baritono, festa de alegria, em que se trocavam brindes afectuosos.

Vem a proposito dizer que Manuel Casimiro sustentou, durante epocas, competencia com Fernando de Oliveira, duelo que deu logar a que dois partidos se degladiassem com energia, campanha da qual a inteligente Empreza Batalha & C.ª, representada por distintos aficionados, soube tirar partido honestamente.

Manuel Casimiro, alternando com Manuel Mourisca, Alfredo Tinoco, José Bento e Fernando de Oliveira, defrontou se com touros de poder e reconhecida bravura para cavalo, que Frederico Tavares Bonacho, José Pereira Palha Blanco, dr. Maximo da Silva Falcão, José da Mota Gaspar, Emilio Infante da Camara, Estevão Augusto de Oliveira e outros, apartavam a capricho, mantendo, com honra e dignidade, os pergaminhos do pavilhão glorioso das suas opulentas ganaderias.

Longos anos decorridos que no nosso país não predominava o marchante com divisa de lavrador, salvo excepção para os que são dignos dêsse titulo.

Nesse tempo, que recordo, da mocidade, gosava a tauromaquia, em Portugal, de reputação notavel, havia escrupulo no apuro de raças e o valor dos toureiros, no seu conjunto, era superior ao que possuem os que actualmente pizam as nossas arenas.

Os referidos artistas, que a arte tornou celebres, elevando-os ao apogeu da gloria, respeitavam a farda, distintivo da sua profissão, lidavam touros de casta, com cinco anos, oferecendo condições de lide; porém, apesar do seu arrojo e valentia, por vezes lutaram com o perigo, evolucionando em terrenos pesados com os seus cavalos de combate.

Todavia, apesar dessa circunstancia, defendiam o prestigio do seu nome, acatando regras que, pela tradição, se impõem aos que cultivam a arte do Marquês de Marialva e do Conde de Vimioso, honrando as suas esporas, não exercendo na arena funções de campino, genero de lide (arte nova) que provoca os aplausos dos ignorantes.

Descansam em paz, no tumulo sagrado, as cinzas dessas figuras, cuja memoria a velha guarda recorda com saudade, e que, pelo seu valor, se impunham ao aplauso e consideração do publico, deixando para a historia o seu nome vinculado, a letras de ouro, nos anais da tauromaquia.

Manuel Casimiro prestou, generosamente, o seu concurso em corridas, cujo produto revertia a favor de instituições de caridade, e dispensou auxilio e protecção a varios colegas, que lhe retribuiram com ingratidão, esquecendo beneficios que ele praticava gostosamente, porque sentia prazer em fazer bem.

Hoje, dia de luto, dia de lagrimas para sua respeitavel familia e para os seus amigos, recordo, com tristeza, factos da sua vida, que produzem no meu coração profunda saudade

Paulo Bray.

CRONICA FINANCEIRA

O esforço de Portugal NA GRANDE GUERRA

e a nossa divida á inglaterra

Aquilo a que se entendeu chamar pessimismo, e que provém, afinal, duma ansia de perfeição a que os portugueses desejariam vêr ascender a Patria, faz com que, num movimento de desespêro, tanta vez digamos mal de nós mesmos. E' por isso, é daí que vem a desoladora crença de que o nosso esfôrço na guerra nos não glorificou, quando mesmo o 9 de abril teve lucilações épicas que demonstraram como estão intactas as qualidades guerreiras do nosso povo. E, quanto á valia da nossa intervenção como factor da Vitoria, nem falemos. Poucos são os que têm a compenetração do papel que nós representámos.

Depois, nós vivemos absolutamente desamparados no que respeita a imprensa estrangeira. Nas mudanças dos governos, o «Temps» publica em quatro linhas os nomes truncados dos novos ministros, e por aí se fica. Nada se sabe de nós, e a culpa é nossa, e só nossa que não temos a noção de quanto é indispensavel uma «bonne presse» internacional, e continua. Lá de longe em longe faz se uma propaganda disto ou daquilo, e sôbre o singular aparecimento do nosso nome no estrangeiro segue-se um silencio que dura anos.

Queixamo nos depois de que nos não prestam justiça, no que mostramos pouca experiencia da vida, porque nada mais raro do que a gratidão, e nada mais dificil de obter do que justiça.

Neste capitulo da grande guerra, em boa verdade pouca justiça nos tem sido feita: nem em Portugal nem lá fóra.

Por isso têm o maior «portée» as palavras que o contra-almirante sr. Kalley, que comandava a esquadra inglesa que nos visitou a semana passada, palavras proferidas no «speack» do banquete da Sala do Risco.

Foram estas as palavras do contra almirante britanico:

«Assim temos mais uma vez ocasião de manifestar a nossa amizade que é tradicional e que tem sido e será mantida pela aliança mais antiga do mundo. **Ninguem faz ideia do que em Inglaterra se sentiu e apreciou o esforço que Portugal fez e o auxilio que nos trouxe quando durante a ultima Grande Guerra, nós nos encontravamos na situação mais critica. esforço esse que nos ajudou a alcançar a vitoria.**

Nunca o esqueceremos e a nossa mutua amizade será sempre cada vez maior».

Essas palavras têm uma nitidez que até agora se não ouvira a nenhuma referencia aliada, ao dirigir-se-nos.

O contra-almirante sr. Kalley é uma alta patente da Marinha de Guerra Britanica, estava ali investido das altas funções do comando duma esquadra, e não é simplesmente um oficial de marinha — mas um antigo adido naval acostumado ás subtilezas e ás responsabilidades diplomaticas.

Além disto, o contra almirante sr. Kalley não proferiria palavras daquela importancia sem se ter previamente assegurado da aprovação que elas mereceriam ao govêrno da Inglaterra, directamente ou atravez do seu alto representante em Lisboa. O que nós ouvimos ao contra-almirante é como se fosse dito pela chancelaria inglesa.

Assente que a Inglaterra reconheça o valor do esforço de Portugal na Grande Guerra e o auxilio que lhe levámos quando a Grã-Bretanha se encontrava na situação mais critica, esforço esse que ajudou a nossa velha aliada a alcançar a vitoria, resta e é legitimo preguntar mais uma vez que instruções dará o governo português á delegação que vai avistar-se com o comissario do tesouro inglês, para discutir a arrumação das nossas contas creadas directamente com a guerra.

A' nossa insistencia para que ou o sr. ministro dos Estrangeiros ou o sr. ministro das Finanças, ou ambos, digam ao paiz com o que contam para fazer face aos encargos da nossa divida de guerra, tem respondido e continuaria a responder o mais esfingico silencio.

Assim, ignora-se se o montante da divida que aparece nas contas inglesas está reconhecido por nós; ignora-se qual o praso que o governo português entenda dever obter para nós saldarmos o segundo encargo que nos custou «esse esforço que ajudou a velha aliada a alcançar a victoria»; ignora-se o que se vai pedir em materia de juros contados e a contar, ignora-se tudo.

Em compensação sabe-se alguma coisa do sucesso das negociações da Italia, para um suave pagamento da sua divida de guerra Pelo menos, isto:

«O «Daily Telegraph» julga saber que as negociações sobre a divida italiana levaram já a um acordo o praso de pagamento, fixado em 62 anos e sobre o principio das anuidades uniformes.

As divergencias subsistem ácerca da cifra global da divida, mas espera-se que o acordo esteja concluido antes do fim da semana.»

Este telegrama recentissimo, da semana finda, já deixava prever que a discussão incidia sobre o montante global da divida — decerto questão de juros que fariam subir o debito.

E' por aí que temos de começar, nós, os portugueses.

E aquele praso de 62 anos concedido á Italia para pagamento da sua divida é um precedente que a nossa delegação não pode deixar de ter presente.

A Italia é mais prospera e mais rica do que nós. Não teve acanhamento em pedir esse praso. E a Italia entrando na guerra fe-lo, além dos altos principios que fizeram dos aliados um só corpo de exercito, mas tambem pelos seus interesses irridentes. A Italia tinha o inimigo tradicional ali á porta. A Italia não precisava de sair de casa para combater. Nós tivemos de ir bater nos muito longe.

A Italia foi gloriosa, ou a sua marcha não houvesse sido prégada pelo verbo inspirado e fremente de G. d'Annunzio que, com o seu sôpro de divino artista desfraldou a bandeira nacional, naquela noite emocionante e historica do Regina Hotel, em que Margarida de Savoya o escutava, do palacio fronteiro, numa mesma comunhão patriotica.

Não somos, nós, latinos, que esquecerêmos a epopeia italiana.

Mas tambem não é a nós que compete esquecer o que fizemos.

Em nome desse esforço, com ele presente no cerebro e no coração, terão os delegados portugueses de partir para Londres.

Mundanismo

Aniversarios

Fazem amanhã anos as senhoras:

Condessa de Avilez (D. Maria), viscondessa de Leite Perry, D. Henriqueta de Lencastre de Castro, D. Maria Branca de Magalhães Lança Pereira Coutinho, D. Inês Marimont Teixeira Marques, D. Maria Tereza Pereira de Sequeira Bramão, D. Maria Moreira Rato Fletcher, D. Celeste de Liz Teixeira de Mendonça e D. Branca Alves de Sousa Ferreira.

E os senhores:

D. Manuel Antonio de Carvalho Lobo da Silveira (Alvito), Carlos Manuel Ribeiro da Silva, Julio Cesar Qom, Paulo Correia de Lacerda, José Francisco de Lemos da Costa Salema, Antonio Marques de Freitas, Luís Pimentel Pinto de Vasconcelos, Caetano Martins, José Inacio Dias da Silva e Antonio de Sousa Santos (Sousa Machado).

A caridade

No Gremio Literario

Compõem a comissão organisadora do chá dançante de caridade, que no proximo domingo se realiza nas belas salas do Gremio Literario, á rua Ivens, as sr.as D. Leonor Pinto Leite de Melo Breyner, D. Ludovina Soares de Albergaria Sotto Maior Diniz, D. Maria Adelaide de Castro Pereira Balsemão, D. Maria Cohen Espirito Santo Silva, D. Maria de Lourdes de Vasconcelos e Sousa Perestrelo, marquesa da Praia e Monforte, D. Maud Pinto de Morais Sarmento Cohen e D. Vera Cohen Perestrelo de Vasconcelos.

A comissão previne que as mesas para o «chá dançante» se marcam pelo telefone N. 222, assim como o pedido de bilhetes de convite se fazem pelo mesmo telefone, á senhora D. Maud Pinto de Morais Sarmento Cohen, sendo a marcação de mesa ao preço de 10$000 réis.

Nas Belas Artes

Os preparativos para a encantadora «matinée» infantil «masquée» e chá dançante, que no domingo magro se realiza no vasto «hall» da Sociedade Nacional de Belas Artes, á rua Barata Salgueiro, continuam com toda a actividade, esperando a ilustre comissão organizadora que nada falte, a fim de que a festa, que de dia para dia maior interesse está despertando, revista extraordinario brilhantismo.

Recital de piano

No S. Luís

Está despertando extraordinario interesse o recital de piano que, na noite de quinta-feira, realiza, no teatro de S. Luís, o celebre pianista Rubinstein, que ultimamente, em Madrid, alcançou um exito grandioso. O insigne artista executa, nessa noite, um brilhante programa, em que figuram as mais belas paginas dos mais cotados compositores.

Podemos desde já afirmar que, nessa noite, será o S. Luís o ponto de reunião de todos aqueles que amam a divina arte.

Nascimentos

Teve o seu bom secesso a sr.ª D. Maria Adelaide de Sousa Sampaio, esposa do sr. Manuel Sampaio e filha do sr. conselheiro Fernando de Sousa, ilustre director do nosso prezado colega «A Epoca».

Mãe e filha encontram-se, felizmente, bem.

Em viagem

Acompanhado de seu cunhado o sr. João Ortigão Ramos, partiu para Paris, com pouca demora, o sr. dr. Ricardo Jorge (filho).

—Para o Mont'Estoril, partiu da sua casa do Porto, com sua esposa a senhora D. Maria de Serpa Aranha, o sr. Antonio Aranha.

—De Sintra, regressou o sr. dr. Vicente Rodrigues Monteiro.

—Vinda do norte, encontra-se em Lisboa, a sr.ª D. Maria da Assumpção Perestrelo de Vasconcelos de Matos.

—No «sud-express» partiu para França, donde seguirá para a Belgica, Holanda, Suissa e Italia, acompanhado de sua esposa a sr.ª D. Ana Monteiro Ferrão Pereira, o sr. dr. Antonio Manuel Pereira.

—Para o Funchal partiu o sr. Carlos Belo.

Doentes

—Encontra-se felizmente muito melhor dos seus padecimentos a sr.ª D. Maria Antonia de Ataide Magalhães e Menezes (Felgueiras), esposa do sr. dr. Francisco de Assis Teixeira de Magalhães e Meneses (Felgueiras).

—Encontra-se doente já ha alguns dias, tendo recolhido ao leito, a ilustre poetisa sr.ª D. Judith Teixeira.

—Regressou da Guiné, tendo recolhido doente ao Hospital Colonial, o sr. Victor Manuel da Silva.

—Encontra-se ha dias, de cama, o sr. Lino Gameiro, provedor da Assistencia Publica.

CARTAZ

TEATROS

S. Luiz—A's 9,15—«A Moça de Campanilhas».
Trindade—A's 21—«La Féria de las Hermosas»
Ginasio—As' 9,15—«A Tia Andreza».
Apolo—A's 9,15—«As duas causas».
Avenida—A's 21,15—«O Pão de Ló».
Eden-Teatro—A's 20.30 e 22,45—«Fungágá».
Maria Vitoria—A's 20,30 e 22,30—«Foot-ball».
Salão Foz—A's 15 e 21—«Pirolito».
Coliseu dos Recreios—A's 21—Companhia de circo.
Salão Alhambra—A's 21—Variedades.

ANIMATOGRAFOS

Tivoli—Avenida da Liberdade.
Joaquim de Almeida—A's 20,30—Cinema e variedades.
Olimpia—Rua dos Condes—«Matinée» e «soirée»
Chiado-Terrasse—Rua Antonio Maria Cardoso—Domingos e feriados, «matinées».
Cinema Condes—Avenida da Liberdade.
Salão Central—Praça do Restauradores
Salão Ideal—Rua do Loreto.
Cinema Gil Vicente—A' Graça—Domingos, Terças, Quintas e Sabados.

Ensina-se

a «chauffeur» amador ou profissional, num esplendido automovel. Preços modicos.
Tratar: Rua Gomes Freire, 209, 2.º

CAMEL CIGARETTE
A' VENDA EM TODA A PARTE

Auto-Taxis
RENAULT
FAXA AZUL
Tel. N. 2900-2909

DECLARAÇÃO

Para evitar confusões, a firma Raul Pereira & C.ª, Ltd.ª, vem declarar que continua com o seu negocio de joalharia e pratas, no Porto, á Rua 31 de Janeiro n.º 53, e em Lisboa, na Rua do Carmo, 87-B, nesta ultima cidade com a denominação «Joalharia do Carmo», mas sempre da dita firma Raul Pereira & C.ª, Ltd.ª. O Sr. Raul Pereira que agora anuncia a proxima abertura de seus escritorios da mesma especialidade no Porto e em Lisboa, vendeu a sua quota na referida sociedade, com todos os direitos á mesma inerentes, com ela nada tendo a não ser a confusão do nome que parece querer estabelecer-se e acerca da qual a declarante reserva o seu procedimento futuro.

Lisboa, 26 de Janeiro de 1926
Raul Pereira & C.ª, Lda.ª

E' a Fotografia Brasil
quem melhor executa os novos tipos de retrato «Carvão» e «Agua-Forte».
R. Escola Politecnica, 141

UMA QUESTAO DE ARTE

Não é São Vicente

a figura principal dos paineis

do Museu de Arte Antiga

DIZ

Vergilio Correia

professor da Universidade de Coimbra

O aparecimento do livro «Os Paineis do Infante Santo», do sr. dr. José Saraiva, determinou a publicação nos jornais de Lisboa de algumas cartas e artigos, assinadas por pessoas de competencia em critica e historia de arte.

O sr. dr. José de Figueiredo publicou duas cartas no *Diario de Noticias*, tendo á ultima respondido hoje o proprio autor do livro, sr. dr. José Saraiva.

Ao artigo do sr. dr. Reinaldo dos Santos, publicado no *Diario de Lisboa*, responde hoje o sr. dr. Virgilio Correia.

Os varios pontos de vista têm assim as suas respostas condignas. Embora não esgotado o assunto, longe disso, mas repostos com delicada pertinacia os pareceres de varias pessoas, ainda que com entusiasmo, parece-nos, que—por agora—o *Diario de Lisboa* não tem mais que intervir neste interessantissimo assunto, deixando o caso para as revistas da especialidade.

O artigo que o sr. dr. Reinaldo dos Santos enviou para o «Diario de Lisboa» de sabado passado revela admiravelmente o estado de consternação em que o aparecimento do livro do sr. dr. José Saraiva, e o acolhimento que a Imprensa lhe fez. Cançaram o autor do livro contraditado e os seus amigos. De facto, só por uma crise de desespero se explica a violencia dos ataques do sr. dr. Reinaldo dos Santos a toda a critica jornalistica, que não fez mais afinal, do que receber como devia uma obra cheia de novidades, de desassombro e inteligencia, e portadora de uma explicação para os paineis, muitissimo mais simpatica do que as anteriormente tentadas.

A imprensa de 1910 recebeu com identico côro de louvores o livro «O pintor Nuno Gonçalves». Desejava o sr. dr. R. dos S. que por esse facto não acarinhasse «Os paineis do Infante Santo»? Cada obra tem o seu valor e estou certo de que ha hoje, quinze anos corridos, muito mais gente capaz de apreciar trabalhos deste genero, apesar do sr. dr. R. dos Santos querer monopolisar a critica seria ao tomar sobre si o papel do «gavroche» que descobriu o rei nú.

Ora, como para o sr. dr. R. dos S. todas as opiniões indigenas são levianas, incompetentes ou envenenadas, e como eu fui dos que enalteceram a obra do professor José Saraiva, permita-se-me que desça ao «Passo de Armas», respondendo ao artigo mencionado precisamente pela ordem seguida na arrebatada ofensiva contra os criticos:

a) a invocação de S. Vicente; b) a época e os personagens representados; c) a obra de génio, o artista que a executou e a sua importancia mundial na historia geral da arte.

* * *

«Não está provado que o santo dos paineis seja S. Vicente».

A iconografia do S. Vicente «português», — adopto o termo para melhor compreensão e facilidade —, é sempre a mesma. Até onde alcançam os meus conhecimentos de imagens do martir, feitas em Portugal, por portugueses ou ao gosto português, S. Vicente é representado invariavelmente com o navio. Relaciono algumas que conheço, incluindo as citadas pelo sr. dr. José Saraiva no seu livro:

—Uma estatua de pedra, na Batalha, provavelmente do seculo XV;

—Dois quadros sobre tabua, dos principios do seculo XVI, existentes um em Beja, outro em Santa Cruz de Coimbra;

—Uma estatua de pedra na igreja dos Jeronimos, dos principios do seculo XVI;

—Uma estatua de madeira, na catedral de Braga, do seculo XVI;

—Uma gravura portuguesa do seculo XVII, que existe colada no manuscrito de D. Timoteo dos Martires, em Coimbra;

—Uma estatua de pedra na frontaria da igreja de S. Vicente de Braga, do seculo XVII;

—Mais duas estatuas de madeira, da mesma igreja seiscentista.

Em todas estas especies, exemplares dos seculos XV ao XVII que possuo já fotografadas para o trabalho que tenho entre mãos, «A iconografia portuguesa de S. Vicente», a publicar na «Terra Portuguesa», os elementos simbolicos são a palma, o livro e o navio.

Que apresenta para lhes contrapôr o sr. dr. Reinaldo dos Santos?

O «Livro de Horas», de D. Duarte; as tabuas do Museu de Barcelona; a «Pietá», de Sevilha, o quadro de Pollainolo — aliás dos Pollainolo — dos Uffizi de Firenze; a taboa da colecção Guerra Junqueiro, no Museu de Arte Antiga; e varias gravuras de «Flos Sanctorum», tudo elementos citadas pelo sr. dr. Jaime Cortezão na sua conferencia de meados de 1925. Em todos, segundo o sr. dr. R. dos S., o santo figura vestido de diacono e com um livro na mão.

Perfeitamente. Mas nenhum destes é o S. Vicente «português».

O S. Vicente conhecido e estimado pelos portugueses, aquele cujas reliquias Afonso Henrique mandou descobrir ao Cabo tem, como atrás disse, um simbolismo proprio, em que é indispensavel o navio. O venerado em todos esses quadros estrangeiros é o martir valenciano, simplesmente. A esse, quando se queria caracterisá-lo melhor aludindo ao fim do seu martirio, colocavam-lhe ao lado a mó de pedra que serviu para o afundar. Assim aparece, por exemplo, no painel espanhol da Colecção Junqueiro e num «Flos Sanctorum» de Frei Diogo do Rosario, impresso em Lisboa em 1612, cujas velhas gravuras certamente não são de origem portuguesa.

Ora não ostentando o pretenso S. Vicente dos paineis do Museu de Arte Antiga os simbolos peculiares quer ás figurações portuguesas, quer ás espanholas, e sendo a palma e o livro comuns e outros martires, não está provado que se trate desse santo.

A corda enrolada que divisamos sob os pés da figura central, num dos paineis maiores, não se encontra em nenhuma outra figuração vicentina. Nada tem que vêr aquele grosso e longo cabo enrolado sobre o solo, por exemplo, com a cordinha que prende a mó e o dedo do S. Vicente da colecção Junqueiro, nem a corda pequena que ataram ao pescoço do martir para que a mesma mó o afundasse, como vi num incunábulo da Biblioteca de Braga.

Num tipo particular de representações vicentinas rememorando o transporte do corpo santo para Lisboa, e de que ha pelo menos 2 exemplares do seculo XVI na Camara Municipal de Lisboa — um veio reproduzido no livro do sr. Alfredo Leal, e outro sê-lo-ha no «Regimento dos Oficios», de 1572 —, vê-se o navio com os corvos e corpo do santo jazendo no convés, descoberto ou numa tumba.

E chega a ocasião de falar do quadrado de tecido que abaixo das dalmaticas, pregado sobre as alvas caracterisa o diaconato.

Faz muita força neste argumento o sr. dr. R. dos S. Mas valerá a pena? Aconselho-lhe a que folheie o «Livro de Horas», de D. Duarte, que o sr. dr. Antonio Baião tem á sua guarda na Torre do Tombo. Aí encontrará, enfrentando a «Oratio ad sanctum brasium», a iluminura de um bispo, com o báculo na mão esquerda e uma especie de grande ancinho na dextra, tendo pregado na veste branca um quadrado de tecido verde, igual a um dos paramentos.

E a tonsura, tão caracteristica na maioria das representações portuguesas e estrangeiras do martir? Porque não apresenta a personagem central a cabeça descoberta e tonsurada, e ostenta antes sobre a cabeleira castanho-arruivada, um daqueles tipicos barretes quatrocentistas?

Em vista das razões expostas — note-se que não emprego a frase vaga, «por todas as razões» —, sinto-me no direito de, como afirmei no «Seculo», não acreditar que a figura central dos paineis seja S. Vicente.

Não sendo a figura referida o padroeiro de Lisboa, fica o campo livre a outra identificação. O sr. dr. José Saraiva inclina-se para o Infante Santo. Ele defenderá, decerto, a sua atribuição, tão interessante, patriotica e emotiva. O que me competia a mim era mostrar que na apreciação que fiz do livro desse autor não fui leviano, incompetente ou envenenado.

Quem afirma é que tem de provar, convencer. O sr. R. dos S. só poderá mostrar que a figura central é S. Vicente, apresentando-nos outra figuração do martir com os mesmos atributos dos paineis, assim, tal qual, com o molho de cordas e uma varinha como a que o santo segura. A ser essa vara, como quere, a palma seca ou tosquiada, é preciso explicá-la, pois a palma simbolica dos martires era sempre verde. Tronco de palma sêco havia um no relicario do Mosteiro de S. Vicente, onde os quadros fôram encontrados, aquele palmito que um dia floriu sobre o sepulcro do cavaleiro alemão Anrique, natural de Bonn, morto na entrada de Lisboa e tido por martir. Mas esse não tem nada que vêr com o nosso caso.

* * *

A proposito da reliquia, ha algumas observações a fazer. Porque aparece nos paineis essa reliquia? Que significa ela nesse grande ajuntamento onde todas as figuras são retratos de pessoas que, evidentemente representaram seu papel numa grande peça historica?

Porque ela e as tabuas do caixão eram os ultimos despojos recolhidos no Cabo, respondem. E o sr. dr. J. de F. afirma neste ponto que o «parietal» representado era a unica parte do santo corpo que ficara fóra da Sé, por ter ido para o Mosteiro de S. Vicente. Ora, nem o osso do casco é um «parietal», nem foi a unica reliquia que ficou fóra da Sé, pois que um dos braços do martir foi para o Porto e outro para Braga.

Ha que procurar-se uma explicação mais de acôrdo com o adjunto, onde um judeu abre ostensivamente o seu livro sagrado. Assim como se tiram conclusões dos landas do evangelho aberto, tem igualmente de considerar-se o que está escrito no livro judaico, que deve ser lido e traduzido.

E neste ponto não vale adiantar mais, por agora.

* * *

O segundo ponto que o sr. dr. R. dos S. considera capital, época e personagens representados não tem, para o meu ponto de vista, tamanha importancia. Nunca fui dado á decifração de charadas, não me interessando, portanto, excessivamente, o capitulo da identificação dos personagens. Mas o que quere inferir da indumentaria, armaria e influencias artisticas parece-me exagerado.

Sanchez-Canton, tão citado ultimamente, e com razão, diz-nos que «no hay en indumentaria precision absoluta de cronologia»; e quando se refere á arte dos paineis fala apenas em «lejanas sugestiones de Italia». Entre a data 1445 apresentada pelo sr. dr. José Saraiva, e as 1459-1464, do sr. dr. José de Figueiredo vão menos de 20 anos, e em 20 anos não ha ocasião para mudanças radicais de indumentaria e armamento.

Um nosso artista vai dar-se ao trabalho de desenhar pormenores dos paineis portugueses e das obras estrangeiras identicas dos meados do seculo XV, estabelecendo uma segura escala comparativa.

* * *

E estamos chegados ao ultimo ponto a comentar, a autoria da obra e a sua importancia.

Pretende-se dar a impressão de que Portugal se diminue no campo artistico discutindo os paineis do Museu de Arte Antiga. E' um processo de defeza como qualquer outro.

A obra de arte vale por si, pelo que significa ou representa, e não pelo que dela se diz ou pelo seu autor. A sua apreciação do mundo culto subordina-se a esse valor, e não ao nome que leva anexo.

A identificação de autoria fez-se exclusivamente sobre a citação de Holanda e a rubrica confirmativa. Ora, a citação de Holanda aplica-se ao altar de S. Vicente, e a rubrica não confirma coisa alguma, porque um O incluindo um V não póde referir-se a Nuno Gonçalves. Consultem-se, a proposito, todos os que estão familiarizados com as velhas leituras. Sanchez-Canton nenhuma importancia liga a essa rubrica, que na identificação teve um papel primacial. De resto, o depoimento de Holanda tem de ser olhado com muito cuidado. Ele é de tal modo impreciso em certos pontos que o sr. dr. José de Figueiredo teve de adulterar o texto transcrevendo no seu livro (pag. 72) «meio» barbaro, em lugar de «mui» barbaro, apelidação que o mesmo senhor não compreendia referida ao nosso culto e rico seculo XV. Entre os grandes pintores, o escritor quinhentista cita desse mesmo seculo dois em Portugal, Mestre Giacomo, pintor italiano de D. João I, e Nuno Gonçalves.

Tenta-se diminuir a importancia do depoimento de D. Rodrigo da Cunha, elemento capital neste processo. Esse depoimento é confirmado por Coelho Gasco, que escreveu em 1625. O altar de S. Vicente ostentava passos da vida e martirios do Santo, assunto que não concorda com o dos paineis hoje no Museu de Arte Antiga.

E póde, por ventura, admitir-se que quadros contendo retratos de pessoas reais, expostos na igreja maior de Lisboa, tivessem escapado á observação e relato de tantos historiadores e cronistas olisiponenses?

Nada de exaltações e insultos. Estas coisas discutem-se — e bem precisavam de discussão, desde ha 15 anos em suspenso —, com serenidade e sem dogmatismos.

Entretanto, parece-me de bom conselho ir preparando novas taboletas para os paineis...

VERGILIO CORREIA

POLICLINICA DA ESTRELA
R. Domingos Sequeira, J, N, rez-do-chão
Dr. Antunes Prior, assistente de Urologia e de Cenereologia do Hospital da Estrela
DOENÇAS DOS RINS E VIAS URINARIAS
CONSULTAS A'S 10 h. e 30 m.

A Cidade

TEATRO MARIA VITORIA Tel. N 3644
DUAS SESSÕES ás 8 1/2 e 10 1/2
FOOT-BALL

Chá das cinco

O homem de amanhã

Sir Artur Keith, da Royal Society de New-York fez um estudo sobre a evolução do rosto do homem. O homem do futuro será mais feio ou mais bonito?

Doce interrogação! O homem de hoje já é, na sua arquitectura facial —diz Keith—bem diferente do homem das cavernas. Mas parece provado que o homem do futuro tem —ainda é o sabio a falar—o cranio menor, a abobada palatina reduzida, o nariz mais estreito, os olhos mais reentrantes, os ossos malares menos salientes, e, enfim, as mandibulas menos espessas.

E' desta ultima circunstancia que resulta hoje, o homem ser mais bonito. Mas de futuro? De futuro, sem mandibulas, nem olhos, nem nariz digno, o homem será perfeitamente escaveirado.

Oh sciencia dos sabios! Se o homem bonito só o é hoje, neste seculo XX de transitoria passagem, como hão de as mulheres de futuro —partindo do principio que o homem ainda lhes interessará—encontrar um noivo capaz?

Se nós pudessemos prolongar a nossa vida até o seculo XXI, que é seguramente o futuro—grande futuro nos estará reservado!

A.

A 100.ª DO «PIROLITO»

Hoje é o penultimo dia em que se representa, no Foz, o *Pirolito*, que ámanhã completa 100 representações, cujo exito se mantem inalteravel e que sai de scena para dar lugar á nova serie de quadros de conjunto intitulada *Pom-Pom*.

Zulmira Miranda e Reginaldo Duarte obtêm sempre os maiores aplausos, cantando as quadras contrariadas, acompanhados por seis eximios guitarristas, o mesmo sucedendo com Maria de Lourdes Cabral e o artista argentino Alfonso Villanueva, cantador de tangos.

CAMBIO OFICIAL

	Comprador	Vendedor
Londres, cheque	—	95$00
»/Madrid	—	2$77
»/Paris	—	$73
»/Suiça	—	3$78
»/Bruxelas	—	$89
»/Nova-York	—	19$55
»/Amsterdam	—	7$86
»/Italia	—	$79
»/Brasil	—	2$95
»/Praga	—	$58.5
»/Suecia	—	5$24,5
»/Austria	—	2$76
»/Berlim	—	4$67
Libra esterlina	98$00	104$00

BOLSA

Preços efectuados a contado

Obrigações Externas, 1. serie	521$00
» » 1|2 0|0 1923	510$50
Acções do Banco de Portugal	858$00
» do Banco Lisboa & Açôres	585$00
» da Companhia de Seguros Sagres	—
» da Companhia Tabacos de Portugal	920$00
» da Companhia Port. de Fosforos	159$00
» das C.ias Reun. Gaz e Electricidade	84$80
» da Companhia do Amboim	—
» da Companhia Colonial do Buzi	—

FILIPPE MENDES
ADVOGADO
Retomou a sua advocacia. R. dos Sapateiros, n.º 139, 3.º, D.º
Telefone C. 1396

INTERCAMBIO

O deputado francês Charles Cante está absolutamente convencido de que se fará rapidamente o tratado franco-portuguez

O ilustre deputado francês Charles Cante foi hoje a Azeitão, em companhia do sr. Diogo Alberto de Matos, visitar as propriedades do grande viticultor Soares Franco.

A' noite, ser-lhe-ha oferecido na Legação da França, um jantar, e, ámanhã, a Associação Comercial promove um almoço em sua homenagem, no Restaurant Tavares.

* * *

Charles Cante não é só um parlamentar distinto e um homem muito inteligente. E', além disso, um viticultor de nomeada, conhecendo a fundo tudo o que se prende com vinhas e vinhos.

Quando quizémos ouvi-lo sobre os resultados da sua missão, disse-nos:

—Vim, em missão oficial do Ministerio dos Negocios Estrangeiros do meu país, para ouvir dos importadores e exportadores portugueses do Norte e do Sul os seus desejos, de modo a poder fornecer ao governo francês uma base para a negociação dum tratado de comercio entre a França e Portugal.

Mr. Charles Cante fala, com grande ternura, do nosso país:

—A amizade entre França e Portugal é uma coisa já tão forte, tão assente, que não ha nada que a possa enfraquecer. Mas é necessario que a essa amizade corresponda uma aproximação comercial que representa um enorme interesse para os dois países.

O ilustre parlamentar está encantado com a recepção que tem tido em Portugal:

—Em parte alguma, sabem receber como aqui. Estou enternecido e levo de Portugal as mais carinhosas lembranças.

* * *

Depois de ter sido recebido pela Associação Comercial de Lisboa, e de conferenciar com os interessados no Tratado, Mr. Charles Cante, acompanhado por sua esposa e pelo sr. Diogo Joaquim de Matos — uma das mais nobres e mais inteligentes actividades portuguesas, e um grande amigo da França — foi ao Norte do País.

—A Associação Comercial do Porto e a Camara do Comercio Franco-Portuguesa — entidade composta de comerciantes dos dois países, que é o traço de união entre franceses e portugueses — facilitaram enormemente a minha missão. Conferenciei com as comissões do viticultores e dos vinhos, e puzémo-nos inteiramente de acordo. Isto permitir-me-ha que envide os meus esforços para uma rapida negociação do Tratado.

—Actualmente, vigora o «modus-vivendi»...

—Sim. E com esse «modus-vivendi» — que é prorogado de três em três meses — já se conseguiu, de certo modo, anular as terriveis consequencias do lamentavel rompimento que se deu. Mas, para que os negocios entre os dois países se intensifiquem como devem, é necessario dar, a portugueses e franceses, a maior segurança — e essa só as póde dar o tratado.

—O tratado abrangerá só os vinhos?

—Não. Referir-se-ha a todos os artigos que possam interessar aos dois países: vinhos regionais e conservas de Portugal, sedas francesas, «champagne», etc. De resto, embora em menor escala, todos esses generos estão sendo trocados entre a França e Portugal.

—Mas os vinhos regionais portugueses merecerão um especial interesse?

—Claro. Não imagina como, depois da guerra, o «Porto» é um vinho de moda em Paris — nos «restaurants», nos teatros, nos «cabarets». E' «chic» beber «Porto». E isto interessa a Portugal, não só pelos franceses, mas tambem por toda essa legião cosmopolita que passa pela nossa capital. Todos os vinhos regionais serão incluidos no Tratado: Madeira, Moscatel, etc.

—E as fraudes continuam?

—Logo que se estabeleceu o «modus-vivendi», a repressão começou, havendo um Inspector que só trata dos vinhos do «Porto» e da «Madeira». E, pouco tempo depois do tratado assinado, em França só se beberá vinho português bom.

—E os nossos vinhos comuns?

—A esses será aplicada a mesma tarifa que aos dos outros países, ficando, entretanto, Portugal sempre na situação de nação mais favorecida.

* * *

Uma frase que bem demonstra a ternura de Mr. Charles Cante, foi a que disse no Porto, em resposta a um brinde do sr. Diogo Joaquim de Matos:

—Vim no «Massilia» porque entre França e Portugal não quiz encontrar fronteiras. Irei no «Moselle» porque não quero ver fronteiras entre Portugal e a França...

Chefe do Estado

O Chefe do Estado recebeu hoje no Palacio de Belem, em audiencia particular, os srs general Domingues, director da Aeronautica Militar e coronel Ferreira Simas, director do Instituto Feminino de Educação e Trabalho.

ILUSTRAÇÃO
grande revista quinzenal
de letras, arte, mundanismo e actualidades
Unica no seu genero em Portugal
Saiu o numero 2
AILLAUD & BERTRAND

De passagem

Mauri que é actor e jornalista falou hoje ao nosso jornal

A popularidade conquistada por Vicente Mauri, em Lisboa, quando da primeira vinda da companhia Velasco, justificava perfeitamente uma entrevista com o simpatico actor-director de scena. Ha porêm outro motivo imperioso: a sua dualidade de humorista no teatro e no jornal.

Esta revelação, que constitue uma grata surpreza para o publico admirador de Mauri, é-nos confirmada por uma expressiva credencial assinada pelo director do grande diario

VICENTE MAURI

argentino «La Nacion», de Buenos Aires, onde Mauri escreve cronicas pagas em magestaticas libras-ouro.

Conseguimos furtar á modestia de Mauri alguns numeros de «La Nacion» com a sua colaboração e verificámos que o inteligente actor trabalha a prosa e o verso com a mesma expontaneidade com que nos delicia no palco com a prosa e a poesia alheia.

Mauri, que é valenciano, anda, para o bom desempenho do brasileiro que representa na «Feria de las hermosas», empenhado em falar português, um português que lhe não permite por emquanto ser jornalista em Portugal, mas que o habilita completamente a fazer-se entender das pessoas menos entendidas em castelhano.

—Como iniciou a sua nova profissão?

—Não sei bem. Pouco a pouco, á força de me dizerem que escrevesse as chalaças perdidas á mesa do café. Mas, apesar das louras libritas que me enviam de Buenos Ayres, tenho tal respeito pelos verdadeiros profissionais da grande imprensa, que me não atrevo a supôr-me jornalista.

—E', porém, o jornalista que nós queremos ouvir.

—Sinto dizer-lhe, caro colega, que os jornalistas não se ouvem, lêem-se. Se me quizer ouvir, terá que ser como actor, ali no Trindade.

Vencidos, acolhemo-nos a prudente silencio. Mauri dera-nos uma lição de jornalismo...

PORTO COVO & C.ª

Para os devidos efeitos torna-se publico que, por escriptura de 25 de Janeiro corrente, outorgada perante o notario dr. Mario Rodrigues, esta comarca, deixaram de fazer parte desta sociedade, os srs. Miguel de Sousa Guedes Machado e José de Sousa Guedes Machado.

Lisboa, 26 de Janeiro de 1926.
Porto Covo & C.ª

TEATRO SÃO LUIZ TELEF. C-224
HOJE
A Moça de Campanilhas

A Cidade

TIVOLI TELEF. N. 5474
HOJE, ás 8-45
Basta de mulheres!
A opinião publica
Uma revista de actualidades
Charlot autor e enscenador

Os mortos

Serão incinerados os cadaveres destinados á vala comum?

Quando o ilustre vereador do pelouro dos cemiterios e jardins, sr. dr. Alfredo Guisado, subia as amplas escadarias do edificio da Camara Municipal, embargámos-lhe o passo com a seguinte pregunta:

—A Camara já tomou posse de muitos jazigos?

—No cemiterio do Alto de S. João, já tomámos posse de 762, que se encontravam abandonados.

—Isso dá um belo rendimento á Camara?

—As reparações e limpeza dos jazigos abandonados, não contando com os subterraneos, importam em quinze contos e cincoenta e quatro escudos.

—E lucros, não ha?

—O ano passado ainda tivemos um lucro de dois contos e tal!

—Como?

—Com o aluguer das prateleiras vagas.

—Por quanto saíu o arranjo de cada jazigo?

—O jazigo n.º 821, tem 27 prateleiras vagas e a sua reparação importou em mil duzentos e quinze escudos. O arranjo do n.º 604, com 8 vagas, custou mil e duzentos escudos, porque teve de levar caixão novo.

—Qual foi o que importou mais barato?

—O n.º 1680; custou a sua reparação sessenta escudos. Tem 3 prateleiras vagas.

—Nos Prazeres havia muitos jazigos abandonados?

—A Camara já tomou conta de 1318 jazigos-capelas, nesse cemiterio.

—No da Ajuda?

—De duzentos e doze, e no de Bemfica, 22.

—O total dos jazigos limpos pela Camara?

—2.314. Ainda nos falta limpar cerca de 2700.

—Ainda não apareceu nenhum dos herdeiros dos jazigos de que a Camara se apossou?

—Já me apareceram as familias do Visconde de Loures, do Barão de S. Deniz e da Viscondessa da Junqueira, que se habilitaram com documentos a entrar na posse destes jazigos. Pagaram uma multa de 50$00 e as despezas que a Camara fez com a limpeza dos jazigos.

—A que atribue o abandono dos jazigos em questão, por parte das familias?

—Umas estão ausentes, no estrangeiro; outras têm dificuldade em conseguirem a documentação necessaria em que provem ser os herdeiros das pessoas falecidas, e outras ainda, têm falta de meios.

—E estando as prateleiras dos jazigos todas ocupadas, o que sucede?

—Poucos estão nessas condições; mas são reparados e limpos, embora não deixem para a Camara qualquer lucro.

Em resumo: o lucro anual do cemiterio do Alto de S. João é de desassete contos e cincoenta escudos.

—E o valor total dos jazigos de que a Camara tomou posse?

—Deve andar por cerca de 20.000 contos. Ha tempos apareceu-me um individuo que me fez uma proposta para eu retirar todos os corpos e ossarios dos jazigos abandonados e vender os restantes jazigos.

—Aceitou essa proposta?

—Não, porque a considerei deshumana.

A terminar:

—Tenciono apresentar no Parlamento um projecto de lei, para poder incinerar todos os individuos destinados á vala comum.

MANUCURE
só para senhoras
Academia Scientifica de Beleza
Avenida da Liberdade, 23

DE REGRESSO

O ministro da marinha foi recebido a bordo da esquadra britanica

com uma penhorante amabilidade

tendo chegado hoje a Lisboa

O «destroyer» inglês «Westminster», trazendo a bordo o nosso ministro da Marinha, entrou a barra ás 10 e meia da manhã, atracando pouco depois á muralha de Alcantara.

O comandante Pereira da Silva, que partira de Lisboa na quinta feira passada, a bordo do cruzador «Curaçoa», assistiu na sexta feira, ao largo do cabo de S. Vicente, a uma parte das manobras da esquadra inglesa do Atlantico, seguindo nesse mesmo dia para Gibraltar, onde se operou uma concentração dos navios que compõem aquela esquadra.

O sr. ministro da Marinha transmitiu-nos hoje pessoalmente as impressões agradabilissimas que trouxe da sua viagem e o seu reconhecimento pela maneira extremamente cativante como foi recebido pelo alto comando da esquadra inglesa.

Chegado a Gibraltar, o comandante Pereira da Silva foi hospede do almirante Mitchell, a bordo do «Resolution», o navio chefe da divisão de couraçados que faz parte da esquadra inglesa do Atlantico. Nesse mesmo dia, foi-lhe oferecido um jantar a bordo daquele navio, a que assistiram todos os comandantes das diversas unidades que compõem a esquadra.

De tarde, tinha sido já convidado para um «lunch», em casa do almirantado superintendente do porto de Gibraltar.

No domingo, acompanhado do almirante Mitchell e do comandante do «Resolution», passou revista á guarnição do navio, tendo-lhe sido oferecido um jantar a bordo do «Almirante Oliver», o navio-chefe da armada do Atlantico. A esse jantar, assistiram todos os almirantes e oficiais do Estado Maior da Armada.

De dia, o sr. ministro da Marinha tinha sido convidado para um «lunch» em casa do general governador da praça de Gibraltar.

Como se vê, os nossos aliados primaram em receber carinhosamente o ministro da Marinha de Portugal, que aos titulos que lhe provêem do seu cargo oficial alia a circunstancia de ser um distintissimo marinheiro, que durante o ultimo conflito fez uma longa e perigosa navegação em zona de guerra.

No proprio dia em que partiu de Gibraltar, o comandante Pereira da Silva foi convidado para um «lunch» a bordo do couraçado «Hood», onde passou revista á guarnição, na companhia do almirante Fuller.

A's 3 horas da tarde, embarcou a bordo do «Westminster» que, pouco depois, levantava ferro, recebendo cumprimentos de boa viagem do navio almirante. Durante a viagem, o sr. ministro da Marinha recebeu, pela T. S. F., os cumprimentos pessoais do almirante Kalley e do seu estado-maior, e diversas mensagens de bordo dos diferentes navios da esquadra, tendo dirigido directamente ao Almirantado uma mensagem agradecendo a honra do convite e felicitando o governo inglês pelo exito das manobras a que acabava de assistir.

O «Westminster» deve largar amanhã para Gibraltar, sendo hoje oferecido, pelo sr. ministro da Marinha ao comandante e oficiais daquele navio, um jantar, para que foram convidadas as autoridades navais portuguesas.

O comandante Pereira da Silva declarou ao nosso redactor:

—A recepção que me fizeram, a bordo da esquadra inglesa, foi muito honrosa para o nosso país. Felicito-me por ter contribuido para estreitar ainda mais, se é possivel, os laços de amizade que nos prendem á nossa velha aliada, a Inglaterra.

MUSICA

O celebre Rubinstein no São Luiz

Rubinstein, o celebre artista do piano que todo o mundo aclama, vem dar depois de amanhã, quinta feira, á noite, no São Luiz, um unico recital, noite de gloria, de arte, de encanto supremo, pois que Rubinstein é o artista imenso, que sabe assimilar ao seu o espirito dos compositores que interpreta, apresentando um programa colossal de grande mestre, desde o grandioso classicismo de Beethoven e a romantica poesia de Chopin até ás agudezas imaginativas de Albeniz e Falla. Este recital de quinta feira, que está despertando um entusiastico interesse, é um dos maiores acontecimentos musicaes da temporada. Rubinstein tocará a celebre «Sonata appassionata» e a «Marcha turca sobre as ruinas de Atenas», de Beethoven; uma «Balada», «Berceuse», «Polonaise», e «Duas Valsas», de Chopin; «Navarra», «Evocacion» e Triana», de Albeniz, e a «Danza de la Molinera» e a «Danza del amor brujo» de M. de Falla. E' um programa que todos os amadores e artistas de piano devem ouvir, tocado por Rubinstein.

Para os pobres

Para a familia desamparada, com cinco filhos, recebemos 20 escudos, de E. F.

MORTOS

Homenagem a Mauricia de Figueiredo

No lugar de Carragosela, freguesia de Espariz, concelho de Tábua, realizou-se ha dias a ceremonia simples, mas comovente, da colocação de uma lapide na casa onde nasceu a distinta autora do «Rafael e Leonor», «A elevação da Mulher», «Exilado», «Conde de S. Paulo», «Carlota Joaquina» e «Leonor Teles», sr.ª D. Mauricia C. de Figueiredo, falecida a 18 de Julho de 1923.

A «Folha do Sul» e a sua redacção fizeram-se representar pelo ilustre escritor e vice-presidente da Camara Municipal de Tábua, sr. José Augusto do Vale, promotor da justa homenagem, e que produziu um brilhante discurso de alusão á obra da talentosa e malograda romancista.

Na sala da Biblioteca Municipal foi tambem descerrado o retrato da extinta romancista.

BRINDES

Dos srs. James Rawes & C.º, representantes da Mala Real Inglesa, recebemos um calendario de parede, artistica litografia da Grafica do Bolhão, do Porto.

HOJE — TEATRO DA TRINDADE — HOJE
EMPREZA JOSÉ LOUREIRO — COMPANHIA VELASCO
LA FERIA DE LAS HERMOSAS
A SEGUIR: Las Maravillosas

Pelos teatros

Hortense Luz

Hortense Luz, discipula de Maria Matos e de Lucilia Simões, laureada da Escola de Arte de Representar, depois de ter marcado exuberantemente o seu lugar de ingenua dramatica, é, agora, mercê do

HORTENSE LUZ

reconhecimento das suas enormes faculdades, figura destacante na revista e elemento preponderante do elenco do Maria Vitoria. Amanhã será, se quizer, a primeira actriz do genero «vaudeville», tão em voga neste momento. O «Diario de Lisboa», publicando-lhe hoje o retrato, sauda nela a «Catarina» do «Rataplan», tão primorosamente interpretada como a «Catarina» de Evan Stachino.

Teatro Nacional

Confirmamos a noticia que ontem demos: a reabertura, no proximo sabado, do teatro Nacional, dentro da sua nova fase e da sua transitoria exploração, representando-se nessa noite a peça espanhola «Madame Demonio», de Antonio Fernandes Lepira, adaptação de Eduardo Fernandes e Carlos Ferreiro. Os papeis femininos vão ser interpretados por Ester Leão, na protagonista; Albertina de Oliveira, Palmira Torres, Alice Ogando e Emilia Fernandes.

Atrás do reposteiro

Partiram hoje para o Porto, no «Sud-Express», os artistas Lucilia Simões e Erico Braga, que vão reunir-se á companhia de que são empresarios, que esta noite reaparece no teatro S. João, daquela cidade, onde se inaugurará a temporada oficial com a peça «O Principe João».

—A segunda recita de assinatura da Companhia Velasco, no teatro da Trindade, efectuar-se-ha depois dos espectaculos de «La feria de las Hermosas», com a revista-fantasia «Las Maravillosas», interpretada por todas as primeiras «tiples»: Rosita Rodrigo, Maria Caballé, Blanquita Pozas, Evan Stachino, Teresita Saavedra e Vitoria Otto.

—Entra amanhã em ensaios, no teatro S. João, do Porto, a comedia francesa «O homem das cinco horas», traduzida pelo nosso camarada Alvaro de Andrade e que a companhia Lucilia Simões-Erico Braga levará á scena em 4.ª recita de assinatura.

—Sobe depois de amanhã á scena, no teatro Politeama, em primeira representação a peça «Não te melindres, Beatriz», de Abati e Arniches, tradução de Eduardo Schwalbach e Acacio de Paiva, fazendo os principais papeis: Amelia Rey Colaço, Constança Navarro, Teresa Taveira, Gastão Alves da Cunha, Raul de Carvalho, Teodoro Santos e Luís Leitão.

—José Alves da Cunha, que ainda porá em scena, no teatro Apolo, as peças «Samsão», em recita de Adelina Abranches; a comedia «Pele Nova», para o Carnaval e «O Gaiato de Lisboa», termina ali a sua temporada em fins de fevereiro, fazendo depois uma curta «tournée» e uma passagem do seu repertorio no Porto.

—O empresario José Loureiro que, desde que chegou a Lisboa, tem efectuado varios negocios teatrais, quer para Portugal, quer para o Brasil e Argentina, tenciona partir brevemente para Madrid, Paris e Berlim, onde tem assuntos pendentes a tratar.

—São cinco recitas de assinatura que a companhia Lucilia Simões vai dar no teatro S. João, do Porto. Sobem á scena as seguintes peças: «O principe João», «Os três anabatistas», «O ladrão», «O homem das cinco horas» e «Os homens de hoje».

Pelos ares...

Um Zepelin comercial foi forçado a aterrar no campo da aviação militar da Amadora, ás primeiras horas da madrugada

A noticia da chegada dum grande Zepelin comercial á Amadora, veio até nós por intermedio dum radio interceptado por Monsanto e que a gentileza dum amigo nos comunicou telefonicamente. Em frente dum tal acontecimento, o «Diario de Lisboa», jornal moderno e otimamente informado, mandou imediatamente áquela encantadora localidade um dos seus melhores informadores, que se fez conduzir num luxuoso taxi da casa Gomes & Catatau, Ld.ª que, minutos depois, estacionava junto do formidavel aparelho, onde vinham 25 passageiros, que tiveram a consolação de pôrem o seu pesinho na linda Amadora, tão linda e tão bela que a propria palavra nos obriga a amá-la—como se ama uma mulher pela primeira vez na vida!...

Este incidente obrigou os 25 passageiros do Zepelin a reterem-se ali por algum tempo. Como não tivessem almoçado procuraram o **«Restaurant»**, dos nossos presados amigos, Silva & Ribeiro, que, diga-se de passagem, teem sacrificado o melhor da sua existencia para ofertarem á Amadora um verdadeiro «Molin Rouge», onde não faltam explendidas salas, proprias para banquetes e um amplo salão destinado a festas de vulto.

O **«Restaurant»** desses dois incansaveis trabalhadores entusiasmaram os passageiros desse formidavel Zepelin, não só pelas suas dependencias, mas tambem pelo otimo serviço de cosinha, a que preside muito aceio e muito saber na arte culinaria.

... ...

Após o almoço, dirigiram-se os nossos inesperados hospedes aos «Desportos da Amadora», que se devem á iniciativa, ao arrojo e á inteligencia de dois homens que são para nós os verdadeiros «paes da Amadora», os nossos queridos amigos Srs. José dos Santos Mattos e Antonio Rodrigues Correia, socios da importante casa comercial, **«Santos Mattos & C.ª»**, que não podiam ser esquecidos pelos passageiros do Zepelin, que foram admirar essa encantadora casa de recreio, onde encontraram uma sala de espectaculos que os maravilhou e por onde já passaram artistas como Angela Pinto, Lucinda e Lucilia Simões, e muitos outros que a nossa memoria recorda com saudade, mas que o espaço não permite mencionar.

... ...

Na Amadora, já sobejamente conhecida pelo muito que dela se tem dito, existe uma industria digna de menção especial:—é a industria de espartilhos e cintas a que os nossos amigos, «Santos Mattos & C.ª» têm dedicado uma grande actividade, dando-nos, nessa especialidade, o que de melhor se fabrica no estrangeiro. A sua fabrica na Amadora, acionada pela electricidade, para o que possui o maior «moinho» de Portugal e uma importante bateria de acumuladores, não só honra a Amadora, mas sim a industria nacional. Situada entre a estrada distrital e a via ferrea, ocupa uma area, aproximadamente, de 6000 metros quadrados. Nesse «grande templo de trabalho» encontram-se algumas centenas de operarias que diariamente produzem grandes quantidades de cintas e espartilhos e que a nossa sociedade elegante ávidamente adquire no estabelecimento dos Srs. **«Santos Mattos & C.ª»**, situado numa das principaes arterias da cidade—«Rua do Ouro», 123 e 125—moderna e luxuosamente instalado. Em Lisboa não existe, na especialidade, coisa que se assemelhe á industria que os Srs. **«Santos Mattos & C.ª»**, exploram com zêlo, com arte, com inteligencia e, sobretudo, com honestidade.

... ...

Os passageiros do Zepelin, depois de se retirarem da importante fabrica dos nossos amigos **Santos Matos & C.ª**, onde lhes foi servida uma taça de champagne e se trocaram os mais afectuosos brindes, dirigiram-se—na frase feliz do nosso amigo Correia—ao «Grandela» da Amadora, ou seja o «Centro Comercial», da firma **Ferreira & Varanda**, conceituados negociantes daquela localidade e que possuem num predio, que é proprio, secções de:—mercearia, padaria, cervejaria, drogaria, ferragens, louças, vinhos, materiais de construção, estancia de madeiras, perfumaria, em conclusão, tudo quanto diz respeito a um «Grandela»—que a Amadora frequenta diariamente sem ter necessidade de vir a Lisboa adquirir aquilo que deseja. A firma **Ferreiras & Varanda** é daquelas que merecem a atenção, pelo seu escrupulo, pelo seu caracter e pela sua tenacidade. Se não houvesse homens como **Ferreiras & Varanda** não existiria um «Grandela», na Amadora, que tem por seu gerente o sr. Carvalho, um moço cheio de vida e de actividade, e que se dedica a trabalhar, para vencer.

... ...

«Ferreiras & Varanda» são tão amigos do progresso da Amadora, que cederam uma parte das suas dependencias para que ali se instalassem os conceituados artistas **Sousa & Mega**, onde existem especialidades para automoveis, material electrico, ascensores, dinámos, etc., etc.

... ...

Os passageiros do Zepelin quizeram vêr rapidamente Lisboa. Nessa conformidade telefonaram para o **888 N.**, pedindo taxis dos nossos estimados amigos **Gomes & Catatau, Ld.ª**—R. Actor Tasso, 9—, onde existe uma grande vontade de triunfar, pela honestidade de bem servir os seus numerosos clientes. Os taxis não se fizeram esperar. Os passageiros louvaram o esplendido serviço que os srs. **Gomes & Catatau, Ld.ª** estão prestando á população de Lisboa, estranhando, porém, que a nossa policia os não deixe estacionar em qualquer praça publica—o que não se dá no estrangeiro.

... ...

Os passageiros do Zepelin não quizeram abandonar Lisboa sem visitarem o importante deposito dos afamados vinhos **Serradayres**, no rua do Alecrim, n.º 47, tendo sido para ali conduzidos nos luxuosos taxis da casa **Gomes & Catatau, Ld.ª**, e onde o seu gerente lhes ofereceu desse delicioso nectar, mundialmente conhecido.

... ...

Os nossos hospedes, que um méro acaso trouxe até nós, procuraram um meio original de se transportarem de Lisboa á Amadora, e passando pela Rua José Estevão, foram á casa **Velo-Estefania**, dos Srs. José Martins & Irmão, e ali alugaram bicicletes e das afamadas marcas «Jean Thomam», e «Alcion», de que são, respectivamente, representantes e depositarios.

Antes de partirem quizeram visitar as oficinas desses nossos presados amigos, onde se fazem reparações em automoveis, que executa os reductores para aplicação de taxis nas caixas de velocidade, em carros americanos,—casa unica no genero—nesta cidade. Em acessorios para automoveis, motocicletes e bicicletes ali se encontraram em **José Martins & Irmão**, dois completos artistas. Convem frizar que a casa de bicicletes é na Rua José Estevão, 41, e as suas oficinas, que são modelares, no Largo 28 de Janeiro, 31. Esses distintos artistas esperam brevemente um grande *stoch* de bicicletes **Olympique**, vencedora de todas as provas de França, campeonato e jogos olimpicos de todo o Mundo.

... ...

Vinte e cinco passageiros montados em vinte e cinco bicicletes, *«Alcyon»*, da casa **Velo-Estefania**, lá foram, a toda a velocidade, parar á Amadora, onde os aguardava o grande Zepelin comercial para os transportar—quem sabe, se para a eternidade?...

Criaturas praticas e talvez adivinhando outra avaria, chegados á Amadora, entraram, em massa, na **Farmacia Campos**, do nosso presado amigo, Raul de Campos Palermo, antigo presidente da comissão executiva da Camarara Municipal de Oeiras e actualmente membro da Junta Geral do Distrito, pedindo-lhe varias especialidades farmaceuticas e aproveitando um momento para, junto daquela individualidade em destaque na Amadora, lastimar não terem um carro electrico que os tivesse conduzido de Lisboa áquela encantadora freguesia. O nosso amigo, contristado, disse-lhes:—a culpa não é da Amadora, a culpa é da Companhia Carris que não tem auxiliado o meu esforço e o de todos aqueles que desejam tornar a Amadora num perfeito «Eden». Na Amadora não faltam homens de iniciativa, trabalho e de vontade propria, mas para que eles possam triunfar em toda a sua plenitude, é necessario que os altos poderes publicos não lhes entravem a sua acção.

... ...

Eram horas da partida. Os passageiros do Zepelin tomavam lugar nas cabines para seguirem viagem. Segundos depois voava sobre a Amadora esse monstro que, lá do alto, lançava flores de saudade e recordação, não olvidando a suprema gentilesa dos habitantes da Amadora, que correspondiam com os seus lenços brancos—como quem diz—boa viagem muito boa viagem!...

Politeama Emp. Luís Pereira — Telef. 3028 N.
COMP. REY COLAÇO-ROBLES MONTEIRO
Ainda esta semana
A comedia
Não te melindres, Beatriz

EDEN TEATRO Telef. N. 3800
HOJE—2 Sessões—A's 8,30 e 10,45
Fungágá

TEATRO APOLO TELEFONE N. 4129
Companhia Berta de Bivar-Alves da Cunha
HOJE ás 21-15 HOJE
1.ª representação da peça em 3 actos
AS DUAS CAUSAS

TEATRO DO GYMNASIO
Peça de gargalhada
A Tia Andreza
com Gil Ferreira e Alegrim
Domingo: Concerto Fão.

MOVEIS
Preços resumidos
3—MOBILIAS—3
4.150$00
Quarto de cama para casal. Casa de jantar e sala de visitas 26 peças.
1.400$00
Casa de jantar estilo português.
2.050$00
Quarto de cama estilo português.
2.300$00
Casa de jantar estilo inglês.
2.800$00
Quarto de cama com psicbé.
4.200$00
Casa de jantar em estilo inglês com cadeiras em sola e vitraux.
5.000$00
Quarto de cama em nogueira e espelhos ovais.
1.100$00
Escritorio genero inglês.
Grande «stock» e variedade em mobilia e moveis desirmanados.
ARMANDO SANTOS
Rua das Gaveas, 29 a 33
(Ao Camões)

Alfaiataria
ANGLO-LUSA, LIMITADA
Grande sortido em tecidos proprios para casacas e smokings para
Preços actualisados
Praça dos Restauradores, 65, 1.º
Telefone 891 Norte

TEATRO AVENIDA TELEF. N. 4356
COMPANHIA SATANELA-AMARANTE
Todas as noites, ás 21-15
O Pão de Ló

PERFUMARIAS
A casa que maior sortido tem em perfumarias, nacionais e estrangeiras, onde se encontra um colossal sortido de todos os bons fabricantes, e a que mais barato vende, é a acreditada
Perfumaria Viuva de José Dias
Rua dos Fanqueiros, 342
LISBOA

MAPLES POR CONTA DO FABRICANTE
Lindos modelos
SOUSA E BRITO—182, RUA DA ROSA, 190

PARTEIRA
Judite Silva
Rua dos Fanqueiros, 96, 4.º
CONSULTAS sobre gravidez e faltas de menstruação. Das 2 ás 6 da tarde. Recebe clientes em casa. Telf. C. 1901

BRILHANTES GRANDES
Sem defeitos, paga-se 2.700$00 o quilate, cautelas do monte-pio e joias penhoradas no mesmo, paga-se todo o seu valor. Adianta-se dinheiro para retira-las. Rua 24 de Julho, 60, 1.º, a Santos.

Sortes grandes?
só o **PINA** as vende
75—Rua de S. Paulo—77

MOBILIAS Esmerada fabricação
SOUSA E BRITO
182, Rua da Rosa, 190

Victor Gonçalves, L.da
Changeurs - cambistas - changers
Compra e venda de moedas estrangeiras — «Coupons», papeis de credito e ordens de bolsa
RUA AUREA 152 LISBOA

ESTRANGEIRO

D.ra Izabel Pereira
Doenças uterinas—Com pratica nos hospitais de Paris
CONSULTAS das 2 á 5
Rua Garrett, 80, 1.º
TELEF. 582-N.

ESPANHA

Os rifenhos

dão maus tratos

aos prisioneiros

espanhois e franceses

MELILA, 26

Dois oficiais inferiores evadidos do campo inimigo declararam ás autoridades que Abd-el-Krim se mostra cada vez mais duro para os prisioneiros, especialmente desde que o abastecimento se tem tornado dificil e a lassidão de certas tribus faz prevêr proximas e importantes submissões.

Os prisioneiros espanhois evadidos declararam ainda que os cativos são empregados na construção de abrigos subterraneos contra os bombardeamentos aereos.—(L.)

Submissão

das populações de duas aldeias

MELILA, 26

Submeteram-se ás autoridades espanholas as populações de duas aldeias dos «beni-mestara» e considera-se desde já completa a submissão dos «memiroua».—(L.)

A viagem

Espanha-Atlantico

MADRID, 26

(Pela T. S. F.)—O avião «Plus Ultra» levantou vôo de Las Palmas para Cabo Verde ás 8,25 hora de Grennwich.—(H.)

DR. MIGUEL DE MAGALHAES
Monitor da clinica de Necker—Paris
RINS e vias urinarias. Venereologia e sifilis
T. N. de S. Domingos, 9, 1.º, ás 15 horas
TELEFONE 5205-N

CINEMA CONDES
HOJE
2 ESTREIAS
o drama de aventuras em 7 actos
PUNHOS DE FERRO
pelo grande actor atleta
Reginald Denny
e um grande documentario desportivo
O desafio
PORTUGAL-TCHÉCOSLOVÁQUIA
realisado no passado Domingo no Porto.

Dr. Medeiros d'Almeida
Cirurgião dos hospitais
Doenças dos olhos — Cirurgia
Consultorio: Av. Liberdade 121 1.º ás 3 h.-Telef. 908 N
Policlinica: L. Conde Barão, 12, 2.º-ás 5 h.-Tele 1902-C

'CHIC,' O melhor café / O melhor bife / O melhor almoço
P. Restauradores, 20

OUTRA GUERRA?

As tropas

VERMELHAS

vão apoderar-se

dos caminhos de ferro chineses?

PEKIN, 25.—O consul geral dos «soviets», nesta cidade, telegrafou ao embaixador da Russia, Karakhan, dizendo que o marechal Chang Tso Lin deu já ordem para que Ivanoff, director do caminho de ferro da China Oriental, fôsse posto em liberdade, bem como todos os empregados e operarios sovieticos que tinham sido presos em Kharbine.

Outros telegramas oficiais, no entanto, não se referem á libertação de Ivanoff, mas dizem que o secretario sovietico dos caminhos de ferro declarou que se os chinezes não responderem ao «ultimatum» dos «soviets», as tropas vermelhas se assenhoriariam do caminho de ferro.

A dar credito a um telegrama particular, os chinezes preparam-se para se opôr á passagem das tropas vermelhas e que as autoridades chinezas cercaram na sexta feira á noite o consulado geral dos «soviets», em Kharbine, onde fizeram uma busca apreendendo grande quantidade de armas e documentos.—(H.)

Os "soviets"

estão ou não satisfeitos?

PEKIM, 26.—Uma nota da embaixada sovietica mostra satisfação por ter sido posto em liberdade o director russo do caminho de ferro chinês do Leste, Ivanoff, e diz ter concluido um razoavel acôrdo sôbre o transporte de tropas chinezas por aquele caminho de ferro...

Tudo parece indicar que os «soviets» se contentaram com a libertação do seu representante no caminho de ferro e que Tchang-Tso-Lin assegurou o livre transito dos seus soldados.—(L.)

Os chinezes

assaltaram um hospital francês

HONG KONG, 26.—Em Pakhoi, na provincia de Kouan-Toung, as tropas chinesas entraram no hospital francês, e arrearam a respectiva bandeira, tendo-a em seguida arvorado de novo, depois de terem apresentado desculpas. As mesmas tropas abandonaram a intenção em que estavam de arrear a bandeira do consulado francês, ao verem que o consul dava ordem á guarda para fazer fogo, caso os chinezes insistissem no seu proposito.—(H.)

O incidente

está ja regularizado?

MOSCOU, 26.—Os delegados russo e chinês assinaram as bases preliminares para a regularização do incidente Ivanoff.

Tchitcherine soube da libertação de Ivanoff no começo da libertação dos outros detidos.—(H.)

MOSCOU, 26.—O numero dos «chômeurs» na União sovietica oscila entre 1.000.000 e 1.150.000.

Metade dêstes sem-trabalho são serventes de pedreiro, a cuja situação não se pode, por enquanto, encontrar remedio.—(H.)

MOSCOU, 26.—Segundo as estatisticas oficiais, a carestia da vida na União sovietica aumentou 6,4 % durante o quarto trimestre de 1925.—(H.)

ALHAMBRA
HOJE HOJE
ELEANORE NINON
(TRIO)
L'admirable et plus jolie star de la scène et du cinema

FRANÇA

26

deputados

devem intervir

na discussão

do debate financeiro

PARIS, 26.

Apesar da intervenção de vinte e seis oradores no debate financeiro que hoje se iniciou na Camara dos Deputados, calcula-se que no proximo sabado se proceda á votação na generalidade e á passagem ao debate na especialidade.

Briand e Doumer responderão ás observações que por aqueles deputados forem feitas.—(L.).

A viagem

do ministro Chamberlain

PARIS, 26

Chamberlain, ministro dos Negocios Estrangeiros da Inglaterra, deve chegar amanhã, á tarde, a Paris, vindo de Rapallo.

Chamberlain conferenciará na quinta-feira com Briand, devendo ser abordadas as questões da Renania, da Sociedade das Nações e do desarmamento.—(L.).

A França

e a falsificação das notas

PARIS, 26.

O governo convidou o seu representante em Budapesth a insistir junto do governo hungaro para autorisar a presença dum representante francês durante os interrogatorios dos implicados no escandalo da falsificação das notas do Banco de França.—(L.)

A morte

do Cardial Mercier

PARIS, 26

Ao iniciar-se hoje a sessão da Camara dos Deputados, o sr. Herriot, presidente, prestou as suas homenagens ao falecido Cardeal Mercier e á nação belga, ás quais se associaram todos os lados da Camara.—(L.)

TEATRO S. LUIZ
Empreza A. Ramos Limitada
QUINTA-FEIRA, 28 de Janeiro
ás 9 horas e meia da noite
Unico Recital
DO CELEBRE PIANISTA **RUBINSTEIN**
Programa colossal. «Sonata Apassionata» e «Marcha turca sobre as ruinas de Athenas», de Beethoven; «Balada Berceuse», «Polonaise e duas valsas», de Chopin; «Navarra evacacion e Triana», de Albeniz; Danza de la Molinera» e «Danza del amor brujo», de M. de Falla. Piano «Bechstein», da casa H. de Oliveira.
Bilhetes desde já á venda.

A's Senhoras
Capsulinas, para tratamentos varios, ano mia, etc., sistema estrangeiro
Calçada da Estrela, 18, 1.º Esquerdo

DR. ARMANDO NARCISO
Medicina, tuberculose e sifilis
Travessa Nova de S. Domingos, 9, 1.º
(A' Rua do Amparo)—Telf. 5205 N.

Dinheiro
SOBRE joias, pratas, antiguidades, automoveis e tudo mais que ofereça garantia, seja qual fôr a sua importancia, empresta: **A Comercial**, a juro mais barato.
18, T. da Trindade, 22
(ao Chiado) Telef.: 3992-C.

"A PATRIA"
Sociedade Alentejana de Seguros
Séde: — EVORA
Lisboa — Rua do Alecrim, 20-A, r/c.
Porto — Rua do Almada, 287, 1.º
Seguros de todos os ramos nas melhores condições incluindo desastres no trabalho e responsabilidade civil.

ULTIMAS NOTICIAS

EDREDONS
Em bonitas côres e lindos padrões
a 160$00
Marques & Gallos, Lda.
RUA DO MUNDO, 75
Telef. 310 ..

A GRANDE BURLA

HOJE

foi ouvido o ministro da agricultura a não houve qualquer nota oficiosa

O que ha ácerca das investigações do Angola e Metropole?

Não ha nada.

Declarou-o hoje peremptoriamente aos «reporters» o sr. dr. Vicente de Vasconcelos quando aqueles fôram á antiga séde do Credito Predial em demanda de noticias.

* * *

Os representantes dos jornais sugeitaram o magistrado a um apertado interrogatorio, como se diz nas noticias da Investigação Criminal; chegaram a preguntar-lhe, á falta de mais oportuno assunto, se S. Ex.ª tinha horas certas no relogio; verificou-se que era tarde e que já se tinha perdido muito tempo; e ficaram todos na mesma.

—Com que então... nada?!

—Nada! Mesmo nada.

Perto, num gabinete de esquina, estava o sr. Luís Viegas a continuar o seu depoimento iniciado na vespera. A' porta, na altura do «Nada... nada», parava sem barulho de buzinas, um automovel de luxo que despejou dois senhores na portaria do edificio.

—Quem são?

Interrogaram-se os olhares; aventaram-se conjecturas; puzeram-se nomes a concurso.

Um deles era o sr. dr. Augusto de Vasconcelos. O outro...

O «chauffeur» tambem a colaborar no segredo.

—O outro não sei. Fômos buscá-lo ao Avenida Palace.

—Chama-se Escalante?

—Ná. Parece-me que é estrangeiro.

E era. Era o sr. ministro da Venezuela, em Londres.

* * *

O sr. dr. Francisco Menano por volta das 3 horas saíu com o sr. escrivão Machado. Sobretudo no braço, passos lentos de quem não tem pressa; o magistrado, á medida que os rapazes dos jornais o seguiam ia dando a perceber que não havia motivo... que não havia nada de novo... que não valia a pena.

Passou um carro na rua Augusta, e ele a conversar; passou outro, e ele a conversar; passaram muitos, e ele a conversar; passou o da Praça do Brasil-S. Bento, e «embarcaram» os investigadores.

—Para onde?

—Se calhar, vão para o Parlamento...

Pois... não tinham ido, segundo se soube depois. O carro não teve «panne», nem se lhe atravessou no caminho qualquer vulto de carroça atrazadora. Mas o sr. dr. Francisco Menano e mais o sr. escrivão não fôram longe. Apearam-se logo ao virar de uma esquina, quando se asseguraram de que os jornalistas lhes tinham perdido a pista, e...

* * *

Veio-nos da Arcada a seguinte informação:

«O ex-ministro das Finanças e actual ministro da Agricultura, sr. Torres Garcia, foi hoje inquirido no seu gabinete ministerial, por volta das 3 horas, por um dos juizes auxiliares do sr. dr. Alves Ferreira, sobre o caso do Banco Angola e Metropole. O inquerito foi reduzido a auto por um escrivão de Direito».

Mas... não ha nada. As investigações continuam; e, é o que é preciso.

* * *

Embarcou esta tarde no paquete alemão *Cap. Nort*, que vai com destino a Buenos-Aires, o habil agente Custodio das Dôres, da Policia de Investigação Criminal. Liga-se grande importancia a esta diligencia policial que deve relacionar-se com o caso do Angola e Metropole.

A TARDE PARLAMENTAR

A CALUMNIA

não pode atingir todos os homens publicos

disse o dr. Domingos Pereira a proposito do Banco Angola e Metropole

Logo ao começo da sessão, com o sr. Daniel Rodrigues na presidencia, o sr. Manuel José da Silva envia para a mesa um projecto de lei amnistiando todos os militares implicados no movimento militar de 28 de agosto de 1924.

Assinam este projecto, além do apresentante, os srs. Godinho Cabral, João Camoesas, Cunha Leal, José Domingues dos Santos, Pestana Junior, Pina de Morais, João Tamagnini, Gomes de Vilhena, Orneles da Silva, Sousa Carvalho, Raimundo Alves, Antonio José Vieira, Rafael Ribeiro, Guilhermino Nunes e Artur Castilho.

Trata-se do assalto ao Quartel General e da tentativa revolucionaria de que esse assalto foi episodio saliente.

O sr. Antonio Cabral fala depois, largamente, para criticar mais uma vez a esterilidade governativa, enviando para a mesa um projecto; e o sr. Adolfo Leitão, da maioria democratica, trata do estado desgraçado em que se encontram as estradas do concelho de Peniche, pedindo providencias.

* * *

O sr. Dagoberto Guedes refere-se, com palavras de admiração, á exposição do distinto aguarelista sr. Alberto de Sousa, recorda a forma porque este artista tem estudado a acção dos portugueses em Marrocos e acrescenta:

—No proximo mês de agosto, em que passa o aniversario da tomada de Ceuta, deve realizar-se em Mazagão uma festa caracteristica, com a designação, bem honrosa para nós, de «fête portugaise». E' necessario que Portugal se faça representar condignamente nessa festa. Confio que o sr. ministro dos Estrangeiros concorde na conveniencia de que tal se faça.

Aproveita a ocasião de estar no uso da palavra para preguntar tambem, ao sr. ministro dos Estrangeiros, se Portugal se fará representar na exposição ibero-americana de Sevilha.

O sr. dr. Vasco Borges responde por forma a deixar a Camara satisfeita. O governo fará, nesse capitulo, quanto se torne necessario para honra e prestigio do país.

O sr. Reis Costa trata da questão do porto do Funchal, respondendo-lhe o sr. ministro do Comercio.

* * *

Tem a palavra o sr. dr. Domingos Pereira:

—Peço á Camara que releve o que vou fazer. Mas tenho de me referir a um boato a que já os jornais se referiram. Esse boato toca directamente com a minha honra e por isso trato dele.

«E' uma crise de caracter essa que aceita tudo como bom. São aqueles que têm responsabilidades os que, a fim de as encobrir, ninguem poupam.»

—Desejo saber se um juiz investigador disse a um «reporter» de um jornal da tarde que nada sabia ácêrca da anunciada prisão do dr. Domingos Pereira. Desejo saber se semelhante suspeição poude ficar em suspenso até á manhã de hoje, em que um outro jornal desmentiu a atoarda».

* * *

Com grande veemencia:

—Os homens que têm assento nesta casa não podem andar á mercê de qualquer escriba que se lembre de levantar suspeições».

—«Não ha uma lei de imprensa, bem sei. Mas é preciso que o Parlamento erga a sua cabeça. E que os que têm a consciencia limpa possam e saibam responder como convem.»

«A minha consciencia não pode suportar acusações destas. Formuladas contra mim, formuladas contra qualquer homem de bem temos de repelir insinuações desta natureza.»

Mais calorosamente, ainda:

—«O govêrno tem de andar depressa. Tem de liquidar depressa esse desgraçado caso do Angola e Metropole. E tem que exigir aos aos juizes encarregados da investigação que sejam eles os primeiros a libertar da calunia quem quer que por ela venha a ser atingido.»

—Espero que qualquer dos membros do governo que se ache presente comunique ao sr. presidente do Ministerio as minhas considerações.

O sr. dr. Domingos Pereira foi saudado e vivamente abraçado por todos os membros do Parlamento que se achavam na sala.

* * *

Responde o sr. Catanho de Menezes:

—Eu tenho, todos nós temos a mais alta consideração e o mais vivo respeito pela inteligencia e pelo caracter impoluto do sr. dr. Domingos Pereira.

—«Deve haver um equivoco dando origem ao protesto deste ilustre homem publico. Não acredito que um juiz investigador haja proferido as palavras que qualquer jornal lhe atribue».

«Não. Pelo presente do sr. dr. Domingos Pereira responde o seu passado de sacrificio e de dedicação pela Republica».

* * *

Mais uma vez o sr. Raimundo Alves protesta contra a situação do teatro de S. Carlos, recebendo uma resposta larga do sr. ministro da Instrução Publica. Depois do que foi votado um voto de sentimento pela morte da mãe do deputado sr. Joaquim Brandão. A este voto se associaram representantes de todos os lados da Camara.

O sr. Carlos de Vasconcelos interroga a mesa. Deseja saber se o sr. ministro das Colonias já se deu por habilitado para responder a uma interpelação que o orador já ha dias anunciou.

E entra-se, finalmente, quasi por volta das cinco e meia, na ordem do dia, usando da palavra, a proposito da proposta de duodecimos, o sr. Lino Neto.

A's 15 e 30 a avião espanhol

estava a 200 milhas de Cabo Verde

O avião tripulado pelo comandante Franco e tenente Ruiz de Alda, que levantára vôo de Las Palmas, ás 8 e 25, foi visto ás 15 e 30,—segundo um radio recebido de tarde em Monsanto—á distancia de 200 milhas, portanto a cêrca de uma hora de caminho, do arquipelago de Cabo Verde, onde deve ter amarado proximo das 16 e 30.

A's 18,30, ainda não tinha sido recebida em Lisboa, nenhuma comunicação da chegada.

O posto espanhol de Aranjuez está em comunicação com o nosso posto de Monsanto, pedindo a todo o momento noticias dos aviadores.

Provem os deliciosos Bifes da 'Chic'

PELAS COLONIAS

FALA

do regimer dos altos comissarios o deputado Carlos de Vasconcelos

O facto de, segundo se afirma, vir a caminho da metropole o Alto Comissario de Angola, levou-nos a fazer hoje ao antigo ministro das Colonias, sr. Carlos de Vasconcelos, a seguinte pregunta:

—Que nos diz á vinda do sr. Rego Chaves?

—Que, mais uma vez, se confirmem todas as minhas previsões sobre a nomeação do sr. Rego Chaves. Inteligente, honesto, é, no entanto, desprovido de qualidades de direcção e de energia, necessarias para a resolução dos problemas de Angola.

—E o regime em si?

—Não se recorda já?! Afirmara eu que o regime dos Altos Comissarios, em Angola e Moçambique, devia ser extinto, desde que não pudesse ser fiscalizado pelo Poder Central.

—Mas isso não bolia com a Constituição?

—Não, senhor. Bastava e basta, para isso, um simples decreto governamental ..

—E quanto ao Alto Comissario de Angola?

—Deu se o que não podia deixar de dar-se. O sr. Rego Chaves, disse o desde a primeira hora, era o politico menos indicado para exercer aquele alto cargo.

—Porquê?

—Já lh'o disse. Porque não tinha nem energia nem qualidades directivas para enfrentar a situação pavorosa de Angola, onde a uma situação economica e financeira angustiosa se vai ajustando uma crise politica impressionante.

—E o Alto Comissario de Moçambique?

—Peor ainda.

—Palavra?!

—E' o que lhe digo. Ha perto de um ano, já dissera ao *Diario de Lisboa* que a politica economica e especialmente a monetaria, do sr. Azevedo Coutinho havia de conduzir a provincia a uma situação pavorosa. E' claro que, apesar do que se diz por ai, eu não creio que s. ex.ª seja exonerado. E' democratico, e os fados têm de se cumprir...

—E o que ha, preguntamos nós, a fechar a palestra, quanto ao governador de Cabo Verde?

—Que o dr. Julio de Abreu está fazendo um optimo lugar que o honra a ele e aos que o nomearam. A sua acção, á frente da Provincia do Cabo, é um esforço util, honesto e patriotico.

—Mas os telegramas...

—Deixe-se disso. Esses telegramas não têm importancia alguma. De um sei eu que foi assinado por um pobre vendedor de macacos a quem pediram para assinar aquilo, porque ninguem mais o quiz fazer. Julio de Abreu está, de facto, realizando uma obra a contento de toda a Provincia.

A tripulação dum barco de pesca

recebida a bordo dum vapor espanhol

CABO CARVOEIRO, 26.—Navega para o norte um vapor espanhol, que recolheu a bordo a tripulação duma embarcação que se afundou.

De Peniche não foi possivel enviar socorros, devido ao estado do mar.—(H.)

UMA NOTA OFICIOSA

do Partido Radical

O Directorio do Partido Republicano Radical, na sua sessão de hoje, tomou, por unanimidade, as seguintes resoluções:

Que, em harmonia com o § n.º 4 do artigo 19.º da Lei Organica, e tendo em vista circunstancias extraordinarias que assim o impõem, seja convocado o Congresso Geral do Partido, o qual se deve realisar nos dias 26, 27 e 28 de fevereiro proximo futuro.

O Congresso terá lugar em Lisboa.

Para a organisação do referido Congresso foi nomeada a seguinte comissão: Presidente e delegado do Directorio, Pitta Simões; vogais, José de Freitas, Herculano Seixas, Cesar da Silva, Sousa Carvalho, Leão Cabreira e Antonio Joaquim de Magalhães.